

Xingu: campineira apreensiva com destino do irmão

Celso Luglio

Pelo menos uma pessoa, em Campinas, está com sua atenção voltada mais apuradamente no alto do Xingu, onde cerca de 90 indígenas sequestraram a balsa que atravessava o rio e tomaram número ainda desconhecido de brancos como reféns. O nome dessa pessoa é Cludete Romero e ela - que mora num apartamento perto da Beneficência Portuguesa com o marido e uma filhinha de 2 meses - é irmã de um dos reféns, o diretor do Parque do Xingu, antropólogo Cláudio Romero.

Foi segunda-feira que ela soube que o irmão não podia sair da aldeia Cretire, para onde os índios levaram a balsa. Na segunda, a mãe dela estava também no apartamento, em visita. Dona Odete, uma senhora idosa, vive com o marido Rubens, também perto de Campinas, na cidade de Rio Claro.

Os três procuram se acalmar ante a certeza que os indígenas são amigos de Cláudio. Mas não desconhecem que o organizador do sequestro e da tomada dos reféns é o temível cacique Raoni, que já virou filme e comandou em 1980 pelo menos dois ataques que terminaram em chacina; um, com o assassinato de 11 peões, outro, que acabou na morte de mais 20, entre os quais duas crianças.



Romero é um dos reféns de Raoni

Mais: Raoni aventurou-se àquelas chacinas - e aos constantes e subsequentes ataques às fazendas da região - pelo mesmo motivo que tomou a balsa e os re-

féns: a não demarcação das terras indígenas, invadidas e desmatadas por fazendeiros e seus jagunços, desde a inauguração da BR-80, em 1971.

Indigenista acha que Raoni é capaz de tudo

Outro campineiro, funcionário da Secretaria Municipal da Cultura, Omar Landi, também está preocupado. Primeiro porque é amigo de Cláudio Romero, depois porque é estudioso do indigenismo: durante 10 anos percorreu cerca de 30 grupos indígenas em várias regiões brasileiras:

- "No Brasil existem no máximo 200 indigenistas e um sempre procura manter contato com outro. Conheci o cacique Raoni em Brasília e ele não hesitaria em matar para conseguir o que quer", afirma.

Mais confiante, a irmã de Cláudio, Claudete, diz que os indígenas talvez saibam que é uma segurança para eles ter alguém da Funai, entre eles.

Claudete conta que Cláudio, a mulher Maria Helena, e o filho de ambos, Felipe, de 2 anos, passaram as férias de janeiro e fevereiro aqui em Campinas e Rio Claro. Trouxeram muitas fotos e contaram detalhes da vida entre indígenas, suas festas, seus costumes, e sobre o trabalho do antropólogo que, inclui, até mesmo, incentivo à agricultura de

subsistência e criação de animais domésticos.

- "É fascinante a figura de um Txucarramãe. Eles são fortes, bonitos, e exercem especial atração no homem branco por seu costume de usar o botoque, aquele enfeite que estica os lábios inferiores", diz Omar Landi.

O grupo dos Txucarramãe é maioria entre os vários grupos envolvidos no sequestro da balsa. Os Txucarramãe são um subgrupo dos Caiapó, ao qual pertence Raoni.

Omar: "coronel enviado não costuma dialogar"

O drama dos indígenas, em relação às terras, naquela área, não é novo. Desde a construção da BR-80 (rodovia que liga Brasília a Manaus), em 1971, eles tentam evitar a invasão e depredação de suas terras. Na época, o ministro do Interior Mário Andreazza, já garantia a demarcação, o que foi reitejado por todos os presidentes da Funai, sem que o problema fosse resolvido.

Agora, a tomada dos reféns e da balsa, é a forma que Raoni e seus comandados acharam para forçar a ida até a reserva indígena, do atual presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, e soluciona a questão.

A única forma de comunicação com a aldeia onde estão os reféns é por rádio da Funai, mas ele foi silenciado pelos indígenas. Por isso, as informações estão sendo dadas apenas pela imprensa que lá teve

acesso. Como o presidente da Funai não se decidiu por sua ida, acredita-se que o problema possa levar vários dias para chegar a uma solução.

Enquanto isso, alvos de atenção continuam sendo os personagens participantes deste episódio: Raoni é tema do filme premiado pelo Festival de Gramado, em 1979, e os índios Txucarramãe, além da fama de terem massacrado 11 peões que desmatavam sua terras, acabando com sua caça de sobrevivência (em agosto de 80), também foram objetos de belíssimo ensaio fotográfico - com seus botoques - após 5 anos de trabalho da fotógrafa Maureen Bisiliat.

Cláudio Romero, agora refém, é incansável defensor dos indígenas. Há 3 anos, fazendo palestra aqui em Campinas mesmo, denunciou a morte de 6 crianças xavantes, por causa do envenenamento das águas dos rios, pelo homem branco - envenenamento proposital, para expulsar os silvícolas das terras.

Em 1977, Romero também já havia sido demitido de cargo numa diretoria da Funai porque denunciara a péssima atuação do órgão em relação aos indígenas.

A balsa sequestrada é a única forma de se fazer a travessia do Rio Xingu - e, portanto, de se concluir a ligação Brasília-Manaus.

Até terça-feira, cerca de 20 caminhões carregados estavam impedidos de seguir viagem, nas duas margens do rio.

E a família do antropólogo, em Campinas e Rio Claro, continuará na expectativa. Na segunda-feira foi Claudete quem telefonou a Maria Helena, mulher de Cláudio, que estava em Brasília, para saber notícias do irmão. Maria Helena já seguiu, em avião da Funai, para junto do marido.

Omar Landi - que está terminando um livro, "Coisas de Índio", com o jornalista Edmilson Siqueira, do *Diário do Povo* - em contato com a Funai confirmou que, além de Cláudio Romero, há várias outras pessoas reféns dos indígenas, mas nem a Funai sabe ao certo quantos.

Há, entretanto, mais de uma enfermeira, um dentista e pelo menos uma professora.

Com as notícias veiculadas ontem pela imprensa, de que o presidente da Funai mandou o coronel Elcio para o local na tentativa de conversar com os índios, existe a possibilidade de acontecer um massacre. Pelo menos é isso o que diz Omar Landi, uma vez que o coronel, do SNI, foi para lá com policiais do Mato Grosso, despreparado para o diálogo com os índios. Segundo Omar, caso ocorram mortes de brancos ou mesmo de índios, a culpa será de Otávio Ferreira Lima, o atual presidente da Funai, que ainda não se dispôs a conversar com os indígenas.